

A trajetória de jovens e adultos no PROEJA: Um estudo sobre o IFSULDEMINAS – Campus Machado

Daniela Augusta Guimarães Dias¹

¹Instituto Federal do Sul de Minas – Campus Machado, Machado, MG,
dani@mch.ifsuldeminas.edu.br

Introdução

Este estudo tem como tema o processo de evasão e permanência dos alunos no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS) – Campus Machado.

A educação no Brasil ainda não é considerada satisfatória. Embora alguns diagnósticos apontem índices positivos, ainda há muito a ser feito. Segundo os Indicadores da Educação Básica no Brasil (IDEB) de 2010, o país tem uma população de 190.732.694 milhões de pessoas, das quais 45.364.276 estão em idade escolar.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), alguns indicadores apontam melhorias no sistema educacional brasileiro. Primeiro com a diminuição da taxa de analfabetismo que, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), está próxima a 2,5% para pessoas de 10 a 14 anos. Para as pessoas com 15 anos ou mais de idade, esta taxa se encontra na faixa de 9,7%. Comparados a anos anteriores, o analfabetismo para as pessoas de 15 anos ou mais era de 33,6% (1970) e foi decrescendo para 11,8% em 2002 e hoje se encontra a 9,6%.

Um segundo indicador dessa melhoria é o crescimento do número de alunos que se matriculam nas escolas e faculdades. Segundo dados da PNAD, o ensino fundamental, que compõe a base do sistema educativo, está mudando. O número de matrículas passou de 28,1 milhões, em 1980, para 31,7 milhões em 2009.

Resultado deste salto no ensino fundamental é o aumento da demanda nos níveis médio e superior. Ainda assim, somente 63,4% dos alunos concluem o ensino fundamental. Isto se deve principalmente à evasão escolar, ou seja, alunos que se matriculam e abandonam o curso. Este índice atinge 1,8% nos anos iniciais do ensino fundamental, 4,7% nos anos finais do ensino fundamental e 10,3 % no ensino médio.

Em relação à EJA, a PNAD de 2007 demonstra que essa modalidade foi frequentada por cerca de 10,9 milhões pessoas, o que correspondia a 7,7% da população com 15 anos ou mais de idade. Das cerca de oito milhões de pessoas que passaram pela EJA antes de 2007, 42,7% não concluíram o curso, sendo que o principal motivo apontado para o abandono foi a incompatibilidade do horário das aulas com o de trabalho ou a necessidade de procurar trabalho (27,9%), seguido pela falta de interesse em fazer o curso (15,6%)

Em termos regionais, das 10,9 milhões de pessoas que frequentavam ou frequentaram um curso de EJA no Brasil, as regiões Sul e o Norte apresentaram os maiores percentuais: 10,5% contra 89,5% que nunca frequentaram e 9,1% contra 90,9%, respectivamente. Na sequência, estão as regiões Centro-Oeste (8,5% contra 91,5%), Sudeste (7,1% contra 92,9%) e Nordeste (6,5% contra 93,5%).

Percebemos através destes dados a diversidade e o perfil dos sujeitos da EJA. E essas mesmas pessoas que foram excluídas do sistema escolar atualmente regressam e encontram, nesse espaço, a mesma escola que deixaram e dificilmente conseguem se adequar a ela. Mesmo assim, percebemos um esforço dessas pessoas em permanecer na escola, principalmente por reconhecerem e acreditarem no quanto ainda é imprescindível a escolarização para o acesso a empregos e possibilidades de melhoria na condição de vida.

Acreditamos que, para compreender os comportamentos e resultados de uma instituição de ensino, primeiro devemos entender qual é o seu verdadeiro papel na vida dos jovens. A vida dos jovens não começa na escola, mas é nela que se refletem grandes transformações. Segundo Ciavatta e Rummert (2011) os jovens têm hoje maior acesso à escola, permanecendo nela por mais tempo. Mas este tempo é preenchido por reprovações, abandonos, e, em determinadas circunstâncias, saídas definitivas.

Material e Métodos

A coleta de dados foi feita através de entrevista semiestruturada com a utilização de um roteiro previamente definido composto de questões fechadas e abertas, que permitiram levantar questões sobre a trajetória escolar dos alunos escolhidos para a pesquisa. Os dados coletados reuniram informações sobre o aluno como idade, cor, religião e bairro onde mora. Reuniu também informações sobre a família como escolaridade e profissão dos pais, renda familiar, e informações sobre a vida escolar do aluno, como o tipo de escola que o aluno frequentou antes de ingressar no IFSULDEMINAS – Campus Machado, o tempo de permanência no ensino fundamental e os motivos do retorno ao ensino médio via EJA.

Nos meses de abril e maio do ano 2012, foram feitas as entrevistas com alunos concluintes e evadidos do PROEJA do IFSULDEMINAS – Campus Machado. As entrevistas realizadas de acordo com roteiro definido foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas.

A escolha dos alunos entrevistados foi feita a partir de dados selecionados na secretaria do *campus*. Algumas entrevistas foram agendadas por contato telefônico e outras através da busca do aluno pelo endereço.

Foram selecionados alunos que evadiram no primeiro, no segundo e terceiro ano, tentando-se identificar diferentes fatores que favoreciam a evasão. Quanto aos alunos concluintes, selecionou-se metade dos alunos do curso com formação técnica em informática e a outra metade com formação técnica em alimentos.

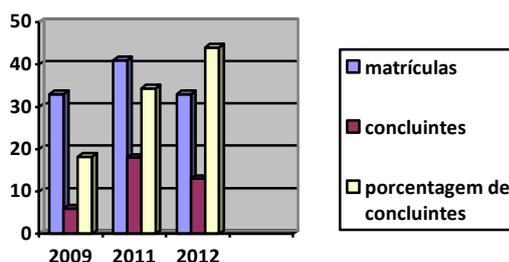
No total foram entrevistados dezesseis (16) alunos, sendo 8 evadidos e 8 concluintes das três turmas.

Resultados e Discussão

A EJA no Brasil convive historicamente com um alto índice de evasão. Segundo dados da PNAD (2007), das oito milhões de pessoas que frequentaram cursos de EJA, 42,7% não chegaram a terminá-lo. As razões para esse índice vão desde a incompatibilidade entre o horário das aulas e o trabalho até a metodologia, que não é específica para esse público.

No *Campus* Machado essa realidade foi ainda mais acentuada. Observamos nas três turmas do PROEJA os seguintes índices de evasão. A primeira turma com habilitação para técnico em informática apresentou uma taxa de 81,8% de evasão. A segunda turma com habilitação de técnico em alimentos apresentou uma taxa de evasão de 56%. E a terceira turma com habilitação de técnico em informática apresentou 60,6% de evasão.

Apesar de a evasão ser um fator marcante no PROEJA no IFSULDEMINAS – Campus Machado, a taxa de permanência no curso também apresenta uma evolução. A diferença pode ser percebida a cada turma ingressante.



Os primeiros dados levantados nesta pesquisa fazem referência aos perfis dos alunos evadidos do PROEJA, neste primeiro levantamento as informações obtidas nos relatam um pouco da realidade do Campus Machado. A maioria desses jovens são oriundo de famílias com baixo nível socioeconômico e de baixa escolaridade.

Um dos primeiros fatores que determinam o fracasso é a identidade estigmatizada desses alunos, que são vistos como aqueles que desistiram, que não conseguiram. Estes alunos em sua maioria vivem em periferias, favelas e bairros pobres e ainda não se apropriaram do exercício do direito à educação. Essa identidade apresenta uma grande diversidade, são negros, brancos, crianças, jovens, homens, mulheres e idosos.

Um segundo fator que gera a desistência é a elaboração da proposta curricular. Esta não pode ser definida independentemente dos sujeitos envolvidos no processo. A possibilidade de superar a situação de desigualdade, de insucesso e de desistência “só seria possível se a escola não ignorasse a bagagem cultural de seus alunos e partisse do zero, não considerando como dado o que apenas alguns herdaram” (BOURDIEU, 1998). Entretanto, a realidade é que em grande parte as especificidades dos alunos são ignoradas pelo processo escolar, possibilitando aos indivíduos com saberes e competências a chance de serem mais bem-sucedidos, gerando desinteresse e desistência dos sujeitos que não tiveram as mesmas oportunidades.

Um terceiro fator a ser considerado é a relação da família com a escola. Lahire (2004) acredita que, para compreender os resultados e comportamentos escolares, é necessário reconstruir a rede de interdependências familiares através da qual constitui seus esquemas de percepção, de julgamento, de avaliação, e a maneira como estes esquemas podem “reagir” quando “funcionam” em formas escolares de relações sociais. De certa forma, os casos de “fracassos” escolares são casos de solidão do aluno no universo escolar, pois muito pouco daquilo que aprendem no universo familiar lhes possibilita enfrentar as regras do espaço escolar e se sentem sozinhos diante das exigências escolares.

Outro fator determinante é a necessidade de trabalhar que primeiramente fez com que esses jovens deixassem a escola. Porém, as exigências de um mercado de trabalho moderno, que necessita cada vez mais de mão-de-obra qualificada, e a pequena remuneração disponível para os empregos de baixa qualificação, trazem novamente este sujeito ao universo escolar (NAIFF, 2008). Estes retornam aos estudos com motivações diferentes. Alguns com o objetivo de concluir o ensino médio, outros com o de obter uma qualificação profissional. Mas mesmo com essas motivações, estes alunos desistiram e um dos primeiros motivos é a

necessidade de trabalhar, eles tentaram, mas outra vez viveram situações desfavoráveis, não podendo optar pela educação.

Outro fator marcante nos casos de desistência é a condição feminina: como conciliar uma carga tão grande de estudos, trabalho e cuidados com a família? Segundo Spindola (2003), é fato que a configuração familiar dos tempos atuais é distinta da época em que as mulheres não exerciam atividades fora do lar, hoje ela necessita reforçar a renda familiar. Na verdade, a mulher acumula funções e sente o peso dessa responsabilidade. O dia-a-dia com a família, as atividades profissionais, seus interesses pessoais, enfim, um somatório de atribuições realizadas, na maioria das situações, de maneira isolada, o que contribui, muitas vezes, para o seu desgaste. Assim essa multiplicidade de papéis e as exigências dos mesmos na vida de cada uma delas interferem de maneira significativa no seu dia-a-dia, pois, ao terem que priorizar um ou outro, acabam escolhendo a família.

Em nossa pesquisa conseguimos perceber que, em meio à diversidade, vários fatores levam o aluno ao sucesso. Em alguns casos existe um conjunto de fatores que contribuem para a sua permanência no curso. A maturidade e a realização pessoal aparecem como primeiro fator que contribui para o sucesso de alguns alunos, e suas motivações superam os vários anos fora da escola, os estudos passam a ser vistos como um desafio, com a possibilidade de realizar velhos sonhos que foram abandonados, e que hoje, depois de toda uma vida de cuidados e dedicação a família podem se tornar realidade.

Um segundo fator é a inserção social e a qualificação profissional. Hoje em nossa sociedade a inclusão social é um processo que garante que as pessoas em risco de pobreza e exclusão social ascendam às oportunidades e aos recursos necessários para participarem plenamente nas esferas econômica, social e cultural e se beneficiem de um nível de vida e bem-estar social considerado normal na sociedade em que vivem (BORBA, 2011 apud COM, 2003, p.9).

Um terceiro fator é o incentivo da família para o retorno a escola. Para Varani (2010), a família é vista como a impulsionadora da produtividade na escola, e o distanciamento da vida estudantil de seus filhos como um provocador em potencial do desinteresse e da desvalorização da educação.

Por fim encontramos em nossos alunos o comportamento resiliente, e este comportamento é visível na maioria das nossas entrevistas, mesmo no caso dos alunos evadidos, no momento em que eles tentam resgatar a sua escolarização. Porém no caso dos alunos concluintes, este comportamento se manifesta com força maior, fazendo com que o objetivo seja alcançado.

Conclusões

O grande desafio do PROEJA é a construção de uma escola de/para jovens e adultos, em função de suas especificidades como sujeitos jovens, adultos, idosos, trabalhadores, população rural, mulheres, negros, pessoas deficientes, superando as estruturas rígidas de tempo e espaço presentes na escola. (BRASIL, 2007)

Ao longo deste trabalho percebemos o quanto é difícil para essas pessoas concluírem seus estudos. Esses alunos trazem consigo as marcas da desigualdade. Não tiveram condições e recursos na infância e continuam concorrendo por eles. São alunos trabalhadores e trabalhadoras que têm uma jornada dupla de trabalho, de cuidados com a família. Assim, vêm obrigados entre escolher o trabalho para o sustento ou a educação, maneira pela qual eles conseguiriam melhorar suas condições de trabalho.

Percebemos também que em meio a tantos obstáculos, existem aqueles que superam as barreiras econômicas, sociais e culturais e que estão ingressando, permanecendo e concluindo seus estudos. Os fatores que influenciaram os que voltaram e permaneceram é sem dúvida uma pista do que o *Campus Machado* pode fazer para garantir o sucesso escolar do PROEJA.

Referências Bibliográficas

BORBA, Andreilcy Alvino; LIMA, Herlander Mata. Exclusão e inclusão social nas sociedades modernas: um olhar sobre a situação em Portugal e na União Européia. In: **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 106, p. 219-240, abr./jun. 2011.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio (orgs.). Petrópolis: Vozes, 1998^a.

CIAVATTA, M.; RUMMERT, S.M. As implicações políticas e pedagógicas do currículo na educação de jovens e adultos integrada à formação Profissional. In: **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 111, p. 461-480, abr.-jun. 2010.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

NAIFF, Luciene Alves Miguez; NAIFF, Denis Giovani Monteiro. Educação de jovens e adultos em uma análise psicossocial: representações e práticas sociais. In: **Psicologia & Sociedade**, v.20, n.3, Florianópolis, Set/Dez. 2008.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

VARANI, Adriana; SILVA, Daiana Cristina. A relação família-escola: implicações no desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. In: **Revista Brasileira de Estudos de Pedagogia**, Brasília, v. 91, n. 229, p. 511-527, set./dez. 2010.